

MEDIAÇÃO DIDÁTICA EM SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS E ESCRITORES DA LIBERDADE

Kelly Ferreira Santos (UEG) - kellyf.santos@hotmail.com

RESUMO:

Os filmes “Sociedade dos poetas mortos”, lançado em 1989 e dirigido por Peter Weir, e “Escritores da liberdade”, lançado em 2007 e dirigido por Richard LaGravanese, retratam temas de caráter social e educacional. Nestes filmes, os professores principais se destacam porque realizam processos pedagógicos de forma diferente. Além disso, entram em conflito com professores tradicionais, com a coordenação escolar e levantam questões sobre o uso dos livros didático e literário. Pretende-se mostrar neste estudo, através da análise das formas de mediação realizadas pelos professores e exibidas nos referidos filmes, a partir de breves roteiros, e com base nas ideias de D’Ávila (2002), Moran, Masetto e Behrens (2000) e Libâneo (2000), de que forma ocorreram os processos pedagógicos nesses casos e por que, naqueles contextos, eles obtiveram sucesso.

Palavras-chave: Mediação didática; Sociedade dos poetas mortos; Escritores da liberdade.

MEDIATION DIDACTIC IN DEAD POETS SOCIETY AND FREEDOM WRITERS

ABSTRACT:

The films "Dead Poets Society", released in 1989 and directed by Peter Weir, and "Freedom Writers", released in 2007 and directed by Richard LaGravanese, portray social and educational themes. In both films, the main teachers stand out because they perform differently. Moreover, they conflict with traditional teachers, school coordinators and raise questions about the use of didactic and literary books in the classroom. It is intended to show in this study, through the analysis of the forms of mediation conducted by teachers and displayed in those films, per short routes, and based on the ideas of D’Ávila (2002), Moran, Masetto and Behrens (2000) and Libâneo (2000), how the pedagogical processes occurred in these cases and why, in those contexts, they were successful.

Keywords: Mediation didactic; Dead Poets Society; Freedom Writers.

Considerações iniciais

Neste trabalho pretende-se discutir o conceito de mediação didática e analisar de que forma ela é realizada pelos professores principais dos filmes “Sociedade dos Poetas Mortos”, lançado em 1989 e dirigido por Peter Weir, e “Escritores da Liberdade”, lançado em 2007 e dirigido por Richard LaGravanese. A partir desta análise, serão discutidas também as relações estabelecidas por tais professores com o livro didático e o livro literário, com professores tradicionais e com a coordenação escolar.

A fim de entender o conceito de mediação didática, é preciso, primeiramente, conhecer qual o sentido adotado para a palavra mediação neste contexto. Segundo D’Ávila (2002, p. 14), originada do latim *mediatio*, a palavra “mediação” significa “intercessão ou intermédio”, ou seja, “refere-se às ações recíprocas que interagem entre duas partes de um todo, entre os pólos de uma totalidade”. No caso da mediação didática, portanto, o objeto (conhecimento) está em um polo e o sujeito (aluno) em outro. O professor, dessa forma, estaria no meio, tornando desejável ao aluno aquele conhecimento, o que resultaria numa aprendizagem eficaz.

A partir de breves roteiros de análise, perceber-se-á claramente, nos filmes escolhidos, a postura mediadora dos professores John Keating (Sociedade dos Poetas Mortos) e Erin Gruwell (Escritores da Liberdade). Ambos se preocupam em tornar o conhecimento desejável aos seus alunos; estimulam a autonomia destes quanto à própria aprendizagem; e incentivam, através da sua ação didática, a superação de problemas pessoais e sociais, proporcionando, a cada aluno, uma apropriação adequada e pessoal daqueles conhecimentos.

1. Mediação didática

Na relação de ensino e aprendizagem, o aluno assume um papel ativo, no momento em que “busca e adquire informações, dá significado ao conhecimento, produz reflexões e conhecimentos próprios, [...] muda comportamentos, transfere aprendizagens, integra conceitos teóricos com realidades práticas”, etc. (MORAN;

Debates em Educação

MASETTO; BEHRENS, 2000, p. 140). O professor, nessa relação, não pode ser somente aquele que transmite conhecimentos e experiências, mas o que assume o papel de “mediador entre o aluno e sua aprendizagem”, ou seja, ele deverá ser “o facilitador, o incentivador e motivador dessa aprendizagem” (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2000, p. 140).

Dessa forma, a mediação didática (ou pedagógica) é entendida como

a forma de se apresentar e tratar um conteúdo ou tema que ajuda o aprendiz a coletar informações, relacioná-las, organizá-las, manipulá-las, discuti-las e debatê-las com seus colegas, com o professor e com outras pessoas (interaprendizagem), até chegar a produzir um conhecimento que seja significativo para ele, conhecimento que se incorpore ao seu mundo intelectual e vivencial, e que o ajude a compreender sua realidade humana e social, e mesmo a interferir nela (MORAN; MASETTO. BEHRENS, 2000, p. 145).

Para D’Ávila (2002, p. 14), a mediação didática é facilitadora da mediação cognitiva (aquela que acontece entre o sujeito e o objeto do conhecimento), na medida em que deve ser “capaz de tornar desejável e assimilável o objeto de conhecimento ao sujeito cognoscente”.

Para que o professor-mediador tenha sucesso, precisará desenvolver algumas características, como as listadas por Moran, Masetto e Behrens (2000): assumir o aluno como centro do processo de ensino e, assim, planejar ações, desafios, em função dele e de seu desenvolvimento; estabelecer um ambiente de confiança mútua; incentivar a pesquisa e atividades que despertem a autonomia do aluno em relação à sua aprendizagem; valorizar as diferenças entre os alunos; mostrar-se disponível para o diálogo; entre outras.

O professor,

embora, vez por outra, ainda desempenhe o papel do especialista que possui conhecimentos e/ou experiências a comunicar, no mais das vezes desempenhará o papel de orientador das atividades do aluno, de consultor, de facilitador da aprendizagem, de alguém que pode colaborar para dinamizar a aprendizagem do aluno, desempenhará o papel de quem trabalha em equipe, junto com o aluno, buscando os mesmos objetivos (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2000, p. 142).

Debates em Educação

Assim, “o ensino verbalista, a mera transmissão de informações, a aprendizagem entendida somente como acumulação de conhecimentos, não subsistem mais” (LIBÂNEO, 2000, p. 29). D’Ávila (2002, p. 76), baseada em estudos de Luckesi (1990), afirma que a aprendizagem, ao contrário do que se espera da pedagogia tradicional, “deveria ser de caráter ativo para que, assim, o aluno pudesse compreender sua realidade e nela intervir”. Esse caráter ativo da aprendizagem por parte do sujeito e como esse processo é mediado pelo professor é o que se pretende observar nos dois filmes que serão analisados a seguir.

2. Mediação Didática em Sociedade dos Poetas Mortos

Com o propósito de pesquisar de que forma acontece a mediação didática na ação do professor John Keating, em *Sociedade dos Poetas Mortos*, faz-se necessário traçar um breve roteiro do filme, que norteará tal análise.

O filme, baseado em fatos reais, se passa em 1959, em Vermont, nos Estados Unidos. Escola só para meninos, cujo objetivo principal era a preparação para o ingresso em universidades, a Academia Welton tem como pilares a tradição, a honra, a disciplina e a excelência. No início do ano letivo, é apresentado aos alunos o novo professor de Inglês, John Keating, que, por acreditar na liberdade do pensamento, vai de encontro a alguns preceitos da escola tradicional, tais como: o uso inquestionável do livro didático, a obediência ao currículo predeterminado, a sala de aula como único lugar adequado de ensino, entre outros.

A partir de seu incomum método de ensino (subir na mesa para ensinar aos alunos a verem o mundo sob uma perspectiva diferente; pedir que andem no pátio, no seu próprio ritmo, para ensiná-los sobre conformidade e sobre a dificuldade em manter convicções diante de outras opiniões; entre outros exemplos) e por tratar os alunos como sujeitos da própria aprendizagem (em oposição a outros professores e pais retratados no filme, que acham que tais alunos são muito jovens para ter opinião própria ou para arcar com responsabilidades, por isso não devem sequer ser ouvidos), este professor, com a filosofia de “aproveitar o dia”, bem ou mal, cria um impacto na

Debates em Educação

vida daqueles jovens, que passam a confrontar seus medos e a sociedade tradicional da época, na defesa de seus ideais.

Em todos esses exemplos é possível notar o esforço de Keating em tornar o conhecimento desejável ao aluno, planejando aulas diferenciadas, fugindo do currículo pré-programado quando necessário e propondo atividades prazerosas. Ainda que se observem falhas na postura de Keating (ele dá opiniões como se fossem as únicas certas, cometendo o mesmo erro dos tradicionais radicais, dos quais tanto diverge), é inegável o caráter positivo de estímulo à mudança e à autonomia em sua prática.

Dessa forma, é possível observar que Keating faz uso de técnicas que mediatizam, facilitando o processo de aprendizagem, favorecendo o diálogo, a interação, privilegiando conteúdos que terão utilidade na vida e proporcionando desafios, como a descoberta de si mesmos e a defesa de suas crenças pessoais, rompendo valores ultrapassados da época.

D'Ávila (2002, p. 22) afirma que “a prática pedagógica através da ação do professor competente, poderia engendrar a superação do caráter reprodutivo da educação”. Para a autora, “essa mediação pode mais: além de seu sentido político, pode revelar os elementos do prazer e da ludicidade tão esquecidos na escola”. É isso o que se observa na ação pedagógica de Keating: a tentativa de rompimento de padrões sociais já superados e o uso do prazer favorecendo a aprendizagem.

2.1 O livro didático em Sociedade dos Poetas Mortos

O livro ou manual didático tem sido usado como importante recurso em sala de aula, há muito tempo. No entanto, o manual, usado acriticamente, pode obscurecer a autonomia pedagógica, quando se interpõe entre o aluno e os objetos de conhecimento, “impedindo uma interação autônoma e significativa entre eles” (D'ÁVILA, 2002, p. 34).

Em vez de ser apenas mais um instrumento à disposição do trabalho docente, o manual tem sido usado como guia, a ser seguido cegamente, muitas vezes substituindo o próprio professor, pois já traz o conteúdo a ser trabalhado, as

Debates em Educação

atividades com respostas prontas, as intenções e objetivos de cada programa de ensino, etc. (D'ÁVILA, 2002).

De acordo com D'Ávila (2002, p. 35-36), o manual também prejudica a mediação cognitiva, uma vez que as atividades apresentadas nesses livros normalmente têm caráter mecânico e supõem respostas fechadas, não permitindo a “criação de estratégias mentais pessoais por parte dos estudantes” e deixando pouca chance para a “reflexão criativa, em termos de atividades e recursos adequados a cada série escolar, à idade dos meninos, ao seu nível cognitivo, aos seus interesses e demandas socioculturais”.

No filme *Sociedade dos Poetas Mortos* há algumas indicações da relação estabelecida entre o professor e o manual didático. O professor Keating, por exemplo, pede que seus alunos arranquem a introdução do livro de Inglês, que, segundo ele, é “excremento”, uma vez que propõe uma forma de medir a importância e a perfeição da poesia, através de um gráfico cartesiano, avaliando questões formais, como métrica e rima. Para o professor, os alunos precisam aprender a pensar por si próprios; ou seja, não será um livro, ou um crítico literário, que os ensinará o que devem sentir e compreender em relação a uma determinada poesia.

Observa-se, portanto, que o professor soube fazer um uso crítico do manual, utilizando-o quando condizente com os propósitos da aula planejada, e ignorando-o quando o conteúdo ia de encontro ao que acreditava e ao que se propunha a ensinar – em momento algum o material substituiu sua ação didática.

2.2 Relação com o professor tradicional

O professor tradicional se caracteriza principalmente por possibilitar a compreensão e o acúmulo de conhecimentos provindos de conteúdos clássicos. Na concepção pedagógica tradicional, segundo Saviani (1983), citado por Lopes (1991, p. 2), o “professor, visto como o centro do processo de ensino, deveria dominar os conteúdos fundamentais a serem transmitidos aos alunos”. De tal maneira, a “importância dada ao papel do professor como transmissor do acervo cultural legou ao

Debates em Educação

chamado ensino tradicional um caráter verbalista, autoritário e inibidor da participação do aluno” (SAVIANI, 1983 *apud* LOPES, 1991, p. 2).

Frente às mudanças que a mediação didática propõe à prática pedagógica tradicional, Moran, Masetto e Behrens (2000) avaliam que as dificuldades acontecem porque

estamos acostumados e sentimo-nos seguros com nosso papel tradicional de comunicar ou transmitir algo que conhecemos muito bem. Sair dessa posição, entrar em diálogo direto com os alunos, correr o risco de ouvir uma pergunta para a qual no momento talvez não tenhamos resposta, e propor aos alunos que pesquisemos juntos para buscarmos a resposta - tudo isso gera um grande desconforto e uma grande insegurança. Confiar no aluno; acreditar que ele é capaz de assumir a responsabilidade pelo seu processo de aprendizagem junto conosco; assumir que o aluno, apesar de sua idade, é capaz de retribuir atitudes adultas de respeito, de diálogo, de responsabilidade, de arcar com as consequências de seus atos, de profissionalismo quando tratado como tal; desenvolver habilidades para trabalhar com tecnologias que em geral não dominamos, para que nossos encontros com os alunos sejam mais interessantes e motivadores - todos esses comportamentos exigem, certamente, uma grande mudança de mentalidade, de valores e de atitude de nossa parte (MORAN; MASETTO; BEHRENS; 2000, p. 142).

No filme, é possível destacar a relação de Keating com dois outros professores: o Sr. Nolan, que depois o substitui como professor de Inglês, e o professor de Latim, McAllister. Nas aulas de Latim, o professor opta pelo método tradicional, ao privilegiar a intensa repetição dos vocábulos, visando apenas a sua memorização, o que não permite a interação entre alunos ou a autonomia diante do conhecimento na construção da aprendizagem. Este professor questiona os métodos de Keating, os quais considera fascinantes, mas pouco sensatos. Ambos mantêm uma boa relação, apesar de assumirem posturas tão diversas e, ao final do filme, notamos a influência de Keating sob McAllister, quando este leva seus alunos para o pátio da escola, repetindo uma das aulas do professor de Inglês (apesar de ainda privilegiar a repetição como forma de aprendizagem).

O Sr. Nolan, quando assume a turma de Inglês, questiona o método pouco ortodoxo do professor anterior, que não seguia à risca o livro, muito menos sua

Debates em Educação

ordem. Assim, propõe começar “do zero”, pois julga que se o ensino e a aprendizagem não foram feitos como o livro e o currículo determinados pela escola propunham, então os alunos não haviam aprendido.

3. Mediação Didática em Escritores da Liberdade

O filme “Escritores da Liberdade”, baseado em fatos reais, se passa em Los Angeles, Estados Unidos, em 1992, e mostra a história da professora recém-formada Erin Gruwell, na escola pública Woodrow Wilson, que, a partir da implantação de um programa de integração voluntária, passou a receber alunos violentos e desinteressados, membros de gangues, com passagem pela polícia e de baixa renda.

A princípio pouco respeitada pelos alunos, Gruwell tem dificuldade em fazê-los se interessar pela disciplina de Inglês e em administrar a relação difícil entre os grupos de alunos, causada por conflitos raciais. Mas consegue, a partir de discussões sobre questões históricas, raciais e sociais, interessá-los nas aulas e atividades.

A professora entra em conflito com Brian Gelford, o outro professor de Inglês, que ensina as turmas de alunos “distintos”, ou seja, os que atingem as melhores notas. Ele é contra o programa de integração implantado na escola e é possível observar que sua postura é contrária a de Gruwell, que vê na educação a chance de mudar a realidade social de seus alunos. Com esse pensamento, ela assume a responsabilidade do seu papel social e age em prol disso, enquanto Gelford culpa o sistema e se considera vítima.

Sem apoio da escola ou dos colegas de trabalho, Gruwell desenvolve seu próprio método de ensino (tornando desejável o conhecimento aos alunos, através do uso de músicas e dinâmicas) e adapta ou foge do currículo quando necessário (aproximando os conteúdos da realidade dos estudantes). Assim, colocando-os no centro do processo de aprendizagem, e atuando como mediadora, dá voz aos alunos (quando propõe a produção de diários), proporciona o aumento da autoestima (quando mostra as diferentes oportunidades que o mundo oferece, através de excursões, passeios e jantares; e quando os valoriza e os incentiva) e os une (quando propõe atividades que mostram o quanto eles têm em comum). Os alunos trocam

Debates em Educação

experiências, pesquisam, leem, dialogam, desenvolvem o pensamento crítico e, assim, se empenham em mudar, em ser algo mais dentro e fora da escola.

Nesse processo, assim como feito por Gruwell, é importante que o professor medeie a “relação ativa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios de sua disciplina, mas considerando os conhecimentos, a experiência e os significados que os alunos trazem à sala de aula, seu potencial cognitivo, suas capacidades e interesses” (LIBÂNEO, 2000, p. 29).

Nota-se, assim, que a mediação conduzida por Gruwell tem caráter acadêmico e social, na medida em que os alunos melhoram seu desempenho escolar e passam a avaliar a vida fora da escola sob outra perspectiva, mais esperançosa. Ou seja, a educação, nesse contexto, pode se tornar “um importante instrumento de apoio à transformação social que se pretende engendrar, mediante a apropriação de um saber que revele as contradições sociais e anuncie as possibilidades de novas relações sociais” (D’ÁVILA, 2002, p. 19).

3.1 O livro literário em Escritores da Liberdade

No filme, a professora de Inglês tenta usar livros literários que poderiam interessar os alunos, mas encontra resistência da chefe de departamento, pois os livros, segundo ela, certamente não seriam devolvidos ou seriam devolvidos com danos. Margaret Campbell, a chefe de departamento, então, sugere o uso de livros adaptados e com gravuras, versões dos originais. Gruwell recusa, dizendo que os alunos não se interessarão por aqueles livros, uma vez que sabem que só os recebem porque ninguém os acha inteligentes o bastante para livros “de verdade”.

É possível destacar a escolha, feita pela professora, de livros com temáticas que se aproximam da realidade vivida pelos alunos, ainda que de épocas e lugares diferentes. Para Braga e Silvestre (2002), são os leitores que criam e constroem o sentido de cada livro, com base nos seus conhecimentos, expectativa e intenção de leitura. No entanto, ao aproximar as realidades, e por meio da sua ação didática, o professor pode transformar aquela leitura em algo significativo e ao mesmo tempo

Debates em Educação

prazeroso, visando a explicitação de um assunto, a ampliação de um conhecimento, ou mesmo apenas para desenvolver o prazer de ler.

Sem detalhar a forma que a professora encontrou de adquirir tais livros, o que renderia outra discussão teórica, pode-se afirmar que a tentativa de interessar os alunos, a partir dos livros escolhidos (dois são citados: “Durango Street”, de Frank Boham, e “O diário de Anne Frank”, de Anne Frank), funcionou, tornando-os leitores ávidos, curiosos, e incentivando novas leituras, assim como a organização de palestras e debates sugeridos por eles mesmos.

Ainda que alguns já fizessem parte do currículo, os livros literários escolhidos pela professora foram usados com propósito e significação, e não apenas como cumprimento do plano de ensino. Isso supõe um planejamento adaptado a cada turma, levando em conta seus interesses e vivências – características de uma ação mediadora, por parte do professor.

3.2 Relação com a coordenação escolar

No filme “Escritores da Liberdade” é possível também destacar a relação de Erin Gruwell com a já citada chefe de departamento, Margaret Campbell. No filme, esta lida diretamente com os professores e os alunos, assumindo uma posição de coordenadora.

Para Orsolon (2006 *apud* ALMEIDA et al., 2006, p. 22), “o coordenador medeia o saber, o saber fazer, o saber ser e o saber agir do professor”. Além disso,

esta atividade mediadora se dá na direção da transformação quando o coordenador considera o saber, as experiências, os interesses e o modo de trabalhar do professor, bem como cria condições para questionar essa prática e disponibiliza recursos para modificá-la, com a introdução de uma proposta curricular inovadora e a formação continuada voltada para o desenvolvimento de suas múltiplas dimensões. Essa mediação pedagógica objetiva auxiliar o professor na visão das dimensões de sua ação, para que ele perceba quais os relevos atribuídos a cada uma delas e a postura daí decorrente (ORSOLON, 2006 *apud* ALMEIDA et al., 2006, p. 22).

Debates em Educação

Bruno (2007 *apud* GUIMARÃES et al., 2007, p. 15) acredita que o coordenador tem como papel representar os objetivos e princípios da rede escolar, colocar os professores em contato com “diversos autores e experiências para que elaborem suas próprias críticas e visões de escola” e tentar “fazer valer suas convicções, impondo seu modelo para o projeto pedagógico”.

Ao planejar suas ações, o coordenador atribui “um sentido a seu trabalho (dimensão ética) e destina-lhe uma finalidade (dimensão política)”; assim, “explicita seus valores, organiza seus saberes para realizar suas intenções político-educacionais” (ORSOLON, 2006 *apud* ALMEIDA et al., 2006, p. 20).

No filme, observa-se que Margaret Campbell conduz sua ação de acordo com sua experiência, impondo suas próprias ideias do que funciona ou não, do que deve ou não ser feito. Erin Gruwell, assim que entra na escola, inexperiente, é aconselhada, pela chefe de departamento, a refazer os planos de aula e a escolher outros livros literários, pois as lições e o vocabulário correspondentes seriam muito difíceis para alunos com notas tão baixas.

Como elucidado anteriormente, Gruwell não recebe apoio de Campbell, quando pensa em usar os livros da escola com sua turma, pois estes, segundo a coordenadora, não seriam devolvidos e a escola não teria orçamento para comprar livros novos todo semestre. Gruwell questiona como deveria fazê-los se interessar pela leitura, ao que Campbell responde que não se pode forçar alguém a querer educação.

Para Campbell, aqueles estudantes eram violentos, contraventores, destruidores de propriedade escolar e, pelo método de ensino de Gruwell, eram recompensados, tornados especiais. Segundo a chefe de departamento, esse método não os ensinaria nada sobre seus erros, o que leva a crer que a coordenadora talvez esperasse usar a educação como forma de punição (apenas os bons alunos mereceriam o esforço dos professores e o uso dos recursos escolares).

Assim, Gruwell se vê forçada a passar por cima da autoridade de Campbell e consultar o conselho de educação, para ter suas ideias (uso de livros fora do currículo, excursões, jantares, palestras) aprovadas.

Debates em Educação

O que se percebe é que o professor, muitas vezes, sem recursos e sem apoio, tem que lutar contra o sistema que deveria ajudá-lo – como neste caso, em que há o confronto de ideias sobre como tratar alunos nessas condições. A postura de Campbell vai de encontro ao que se espera de um coordenador: apoio ao professor; compreensão da realidade escolar e social; e a criação, em conjunto com o professor, de ações pedagógicas alternativas, adaptadas ao contexto encontrado.

É importante destacar que Gruwell, ao perceber que seu método de ensino não estava funcionando, soube adaptá-lo para atender as necessidades dos alunos (reforçou valores, ensinou tolerância e respeito, deu valor a aspectos culturais) e do currículo (ao mesmo tempo em que os incentivou a ler, ensinou gramática, vocabulário, poesia, etc.). Para D'Ávila (2002, p. 41), o bom professor-mediador deve ter duas competências: o saber didático-pedagógico (ou seja, o domínio do saber, o saber fazer) e o saber sensível (ou seja, pensar o quê, como e para quem ensinar) – competências que Gruwell possuía e que deveriam ter sido encorajadas pela coordenadora.

Nota-se, portanto, que é preciso mudar práticas escolares, o que

não se resume a uma tarefa técnica de implementação de novos modelos a substituir programas, métodos de ensino e formas de avaliação costumeiros. Mudar práticas significa reconhecer limites e deficiências no próprio trabalho. Significa lançar olhares questionadores e de estranhamento para práticas que nos são tão familiares que parecem verdadeiras, evidentes ou impossíveis de serem modificadas. Significa alterar valores e hábitos que caracterizam de tal modo nossas ações e atitudes que constituem parte importante de nossa identidade pessoal e profissional. Mudar práticas implica o enfrentamento inevitável e delicado de conflitos entre os participantes (professores, alunos, pais e a hierarquia do sistema escolar), originados de visões de mundo, valores, expectativas e interesses diferentes. Mudar práticas implica mudanças nas formas de relacionamento entre os participantes, e isso pode gerar desestabilidade na estrutura de poder, riscos de novos conflitos, desgastes e frustração para a comunidade escolar. Mudar práticas pedagógicas significa empreender mudanças em toda a cultura organizacional (GARRIDO, 2007 *apud* BRUNO et al., 2007, p. 9-10).

Dessa forma, fica a ideia de que é preciso articular melhor a relação professor-coordenador, repensando valores, ideias ultrapassadas e administrando conflitos, para

que, juntos, esses atores possam construir um ambiente de aprendizagem saudável e eficaz para os alunos.

4. Considerações finais

De acordo com Libâneo (2000), o professor-mediador tem por função principal orientar os alunos para objetivos educacionais, criando um espaço de diálogo e livre expressão, propondo problemas e desafios – isso resultaria em alunos capazes de argumentar e de defender suas convicções. Assim, a escola ideal deveria assegurar a todos uma “formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã” (LIBÂNEO, 2000, p. 7-8).

Para esse fim, os livros didáticos e literários podem ser usados como ponte entre o aluno e o conhecimento (ou seja, como auxílio ao professor no planejamento de aulas que priorizem a autonomia do aluno), e não como substituição da ação didática, em que o professor segue acriticamente as direções propostas pelo livro didático, ou discussões ultrapassadas e irrelevantes, sobre livros literários.

Nota-se, também, a necessidade do apoio do corpo escolar (professores, coordenação, direção, etc.); do contrário, dificulta-se ou impossibilita-se uma ação mediadora de sucesso. Assim, são necessárias mudanças, que serão expressivas para “toda a comunidade escolar, de maneira que as concordâncias e discordâncias, as resistências e as inovações propostas se constituam num efetivo exercício de confrontos que possam transformar as pessoas e a escola” (ORSOLON, 2006 *apud* ALMEIDA et al., 2006, p. 19).

Embora os filmes se passem em outro país e em outras décadas, é possível estabelecer semelhanças com o ensino nacional atual: problemas sociais interferindo na vida escolar, pouco espaço de diálogo para o aluno se fazer ouvir, falta de autonomia do aluno em relação à sua aprendizagem, entre outras. Pretende-se, com este trabalho, valorizar as histórias contadas nos filmes, que tiveram sucesso e impacto na vida daqueles alunos, como forma de incentivo e exemplo.

O poeta Walt Whitman escreveu “A pujante peça continua e podes contribuir com um verso”. Do mesmo modo, fazendo uma relação entre a proposta didática

Debates em Educação

demonstrada nos filmes e a realidade da educação na atualidade, é possível perguntar, assim como o professor Keating, em “Sociedade dos Poetas Mortos”: qual será o seu verso?

Referências

BRAGA, Regina; SILVESTRE, Maria. *Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para a sala de aula*. São Paulo: Peirópolis, 2002.

BRUNO, Eliane. *O trabalho coletivo como espaço de formação*. In: GUIMARÃES, Ana Archangelo et al (Orgs.). *O coordenador pedagógico e a educação continuada*. 10 ed. São Paulo: Loyola, 2007. p. 13-16.

D’ÁVILA, Cristina. *Ruim com ele, pior sem ele – A mediação docente e o uso do livro didático na sala de aula*. Salvador: UFBA, 2002 (tese de doutorado).

GARRIDO, Elisa. Espaço de formação continuada para o professor-coordenador.

BRUNO, Eliane; ALMEIDA, Laurinda; CHRISTOV, Luiza (Orgs.). *O Coordenador pedagógico e a formação docente*. 8 ed. São Paulo: Loyola, 2007. p. 9-16.

LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente*. São Paulo: Cortez, 2000.

LOPES, Antonia. Aula expositiva: superando o tradicional. In: FELTRAN, Antônio et al. *Técnicas de ensino: por que não?* Campinas: Papirus, 1991.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. Campinas: Papirus, 2000.

ORSOLON, Luzia. O coordenador/formador como um dos agentes de transformação da/na escola. In: ALMEIDA, Laurinda; PLACCO, Vera. (Orgs.) *O coordenador pedagógico e o espaço de mudança*. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2006. p. 17-26.